

## ENTRELAÇANDO O PERCURSO DE TRÊS MULHERES NEGRAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS

## ENTRELAZANDO EL CURSO DE TRES MUJERES NEGRAS EN LA ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS

**Valeriana Christina de Melo e Sousa**

Centro de Línguas, Linguagens, Inovação e Criatividade (Clic) da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (Smed-BH)

[valerianasousa@yahoo.com.br](mailto:valerianasousa@yahoo.com.br)

**Marina de Lima Tavares**

Faculdade de Educação- FaE

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

[marina\\_tavares@hotmail.com](mailto:marina_tavares@hotmail.com)

### RESUMO

Este trabalho, desenvolvido no mestrado profissional da UFMG entre 2019 e 2021, analisa os efeitos do racismo na identidade racial de professoras de ciências negras e como isso influencia suas práticas pedagógicas antirracistas. A pesquisa envolveu oficinas de formação para professores, discutindo temas como representatividade de mulheres negras na ciência e o Sars-CoV-2, conforme a Lei nº 10.639/2003. Dados foram coletados por meio de gravações e entrevistas, analisadas pela Análise Textual Discursiva. Concluiu-se que é crucial integrar uma abordagem humanista no ensino de ciências, promovendo equidade e valorizando a diversidade das experiências e reflexões dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Ensino de ciências; relações étnico-raciais.

**Eixo temático:** 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia

**Modalidade:** Pesquisa acadêmica

### RESUMEN

Este trabajo, desarrollado durante la maestría profesional en la UFMG entre 2019 y 2021, analiza los efectos del racismo en la identidad racial de profesores de ciencias negras y cómo esto influye en sus prácticas pedagógicas antirracistas. La investigación incluyó talleres de capacitación para docentes, discutiendo temas como la representación de las mujeres negras en la ciencia y el Sars-CoV-2, de acuerdo con la Ley nº 10.639/03. Los datos fueron recolectados a través de grabaciones y entrevistas, analizados mediante Análisis Textual Discursivo. Se concluyó que es crucial integrar un enfoque humanista en la enseñanza de las ciencias, promoviendo la equidad y valorando la diversidad de experiencias y reflexiones de los sujetos.

**Palabras clave:** Enseñanza de las ciencias; relaciones étnico-raciales.

**Eje temático:** 7. Inclusión e interseccionalidades en la enseñanza de Ciencias y Biología

**Modalidad:** Investigación académica.

## INTRODUÇÃO

A trajetória de vida influencia o modo como pensamos e nos comportamos. Mas, identificar experiências de racismo, não é uma tarefa fácil, nem tampouco, facilmente perceptível. Segundo Kilomba (2019, p. 161), por serem tão hediondas, essas experiências não podem ser compreendidas cognitivamente e, a elas, atribuídas sentido. Então, antes da compreensão real dos fatos, questionamentos nos atravessam, como:

*“O que acabou de acontecer aqui?”*

*“Foi isso mesmo o que escutei?”*

*“Estou certa sobre essa sensação de tentativa de subjugação?”*

*“Posso estar superdimensionando essa experiência diante de outras feridas ainda não cicatrizadas?”*

*“Devo dar importância?”*

Ninguém se acostuma ao racismo e, tampouco, o deveria. Sua violência vem sempre acompanhada do absurdo e de um desejo de não acreditar ou de encontrar outras explicações, seguidas da busca por justificativas inexistentes. Não existe lógica na perversidade!

Em um insistente esforço por essa compreensão, trazemos o percurso de professoras, e refletimos sobre as diferentes trajetórias dessas diferentes mulheres, mas com tanto em comum! Autodeclaram-se negras e são profissionais do ensino de ciências! Mas, quando se perceberam negras? Quais estratégias de resistência foram incorporadas a suas vidas? Como isso afeta suas práticas pedagógicas no ensino de ciências? Dentro dessa perspectiva, buscamos refletir sobre opressões, que nossos estudantes possam sofrer (ou estão sofrendo), a partir do relato dessas professoras. A partir da atuação dos profissionais da educação, propomos uma reflexão sobre nossas práticas, que colaborem para diminuir a incidência desses acontecimentos em nossos espaços escolares.

Conforme Gomes (2003, p. 60), o reconhecimento é uma das ações afirmativas voltadas para o povo negro que podem proporcionar aos sujeitos, que comungam do mesmo sentimento de pertencimento, a compreensão de que chegaram nesse mesmo ponto, ainda que, por caminhos diversos. Trazemos, então, a trajetória de três mulheres: eu mesma, a primeira autora deste trabalho; e duas professoras, que participaram da oficina ofertada

como metodologia de coleta de dados da minha pesquisa de mestrado. Com os codinomes *Angola* e *Quênia*, essas professoras gentilmente, cederam-me uma hora de entrevista, em agosto de 2021, onde a ideia era conhecer um pouco mais sobre cada uma. Nos relatos, temos, então, pontos de concordância nas percepções sobre dor, resgate, compromisso, identidade e superação.

## OBJETIVO

Traçar a análise dos efeitos do racismo na construção da identidade racial de professoras de ciências, autodeclaradas negras<sup>1</sup>, e como esses efeitos influenciam suas práticas e recursos pedagógicos comprometidos com a educação antirracista.

## METODOLOGIA

A coleta de dados foi feita a partir de entrevistas com duas professoras de ciências negras, que participaram de uma oficina de formação de professores de ensino de ciências. Envolvendo ações e atividades voltadas para fomentar discussões sobre temas como: a representatividade das mulheres negras na ciência, os vírus, em geral, e o Sars cov-2, buscamos trabalhar conceitos de ciências na perspectiva de uma educação antirracista. Tais temáticas convergem com as propostas na Lei nº 10639/2003, como raça, racismo, estereótipos e relações étnico raciais. Encontros foram gravados e as falas dos professores transcritas e analisadas utilizando-se a metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD), proposta por Moraes e Galiazzi (2007):

*“A análise textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso (...). É descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador. Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto.” (p. 118)*

---

<sup>1</sup> Segundo Rios (2018, p. 224), a autodeclaração étnico-racial é o método de identificação racial que tem como pressuposto a ideia de que a identidade racial relaciona-se à subjetividade, cabendo somente ao indivíduo atribuir-se identidade.

A análise textual discursiva compreende um processo dinamicamente auto organizado, onde relações são criadas entre as unidades de significados formadas a partir da desmontagem do texto e posterior categorização, possibilitando que o pesquisador se posicione mediante suas interpretações. Dessa forma, foram incluídas, também, as vivências da primeira autora, trazendo não só sua análise, mas, elementos para sua exploração, junto com o material obtido nas entrevistas com as professoras.

## RESULTADOS

### “Como você se vê hoje?”

A conversa se inicia com o levantamento sobre a autodeclaração como parte da tentativa de perceber, pelo autorreconhecimento, esse processo de formação contínua de identidade racial e a busca da sua construção identitária, dentro da sua própria história, facilitando a análise dos seus relatos.

- *Angola: “Mulher negra. Tanto que qualquer questionário que venha assim cor/raça, vem lá “pardo” ... e quando entra a questão cor, eu não me sinto à vontade de marcar preta. Quando vem raça, aí eu coloco mulher negra! Já até discuti com pessoas que conheço de formação e elas disseram que estou certíssima, eu me entendo como negra! Depois que ouvi dessas pessoas, aí eu estou te respondendo com maior tranquilidade.”*

- *Quênia: “Preta.”*

*Angola* veio de uma família muito simples, do interior de MG, com um convívio próximo a diversas comunidades quilombolas. Com poucos recursos, sempre estudou em escolas públicas e, aos 17 anos, já trabalhava em um cartório da cidade. Conta sobre o orgulho dos pais em ter uma filha que não começou a trabalhar como empregada doméstica, mas como funcionária pública. Foi aprovada no vestibular para o curso de Ciências Biológicas, na primeira tentativa, onde afirma que mal sabia sobre o que era uma universidade e era a única estudante negra da turma. Procurou se aproximar de colegas que também tinham dificuldades financeiras para estarem ali.

*“Procuramos fazer parte de tudo, liderança de turma, festas, organização da comissão de formatura... Isso porque entendemos que, se não fôssemos unidos, seríamos excluídos!” Angola- entrevista em agosto de 2021.*

*Quênia* afirma ter tido um pouco mais de acesso à educação, pois, nasceu em uma época que sua mãe dizia que “as vacas estavam começando a engordar”. Isso significa que, provavelmente, houve uma melhoria nas condições de vida de sua família. Assim, afirma que começou seus estudos, precocemente, em uma escola particular, porque na época, não tinha educação infantil no ensino público. Sempre muito interessada nos livros, foi logo alfabetizada e se tornou uma aluna muito aplicada, ao longo da educação básica. Sua irmã foi aprovada para ingressar em um Colégio Técnico e ela afirma ter sido sua referência nos estudos. Importante ressaltar que, através dela, *Quênia* tomou conhecimento do ensino superior e das formas de ingresso em uma universidade. Provavelmente, seria a primeira geração a vislumbrar esse nível de escolaridade, assim como na minha família e na de *Angola*.

Conhecer esses percursos é importante na percepção sobre como se define a identificação racial. Vai além de perceber os próprios aspectos físicos, embora, eles tenham importância nesse reconhecimento. É compreender-se como parte integrante de um grupo - comunidade. A autodeclaração permite esse reconhecimento, pois, Rios (2014, p. 224) afirma que é onde a pessoa se identifica enquanto grupo/etnia, tem o caráter subjetivo, cabendo, apenas ao sujeito, a atribuição da sua identidade.

“\_ Prof<sup>a</sup>, posso ir ao banheiro?

\_ De novo? Está passando mal?

\_ Não, ...(sussurrando)... é que preciso molhar meu cabelo de novo, porque ele fica muito alto quando seca!”

Em quantas falas dos meus alunos, como essa, eu me enxerguei? E quantas vezes, revi minha própria trajetória e construção da minha identidade negra?

Desde os 5 anos, alisava meu cabelo. Sem esse procedimento, jamais o deixava solto. Achava feio, desproporcional, estranho. Essas impressões me acompanharam até a vida adulta, quando, um dia, decidi conhecer o cabelo que tinha. Resolvi parar de alisar ou fazer qualquer outro procedimento como escova e secador que alterasse meu fenótipo capilar. Na época, trabalhava em uma escola da rede particular. Um dia, fui chamada na direção que me perguntou o que estava pretendendo fazer a respeito, porque repararam que não estava “me cuidando como antes”. Respondi que esperava o cabelo crescer para fazer um corte, onde assumiria meu “black”. Recomendaram pensar bem a respeito, pois

a “boa aparência” era algo considerado como fundamental na instituição. E um cabelo *fora do padrão* seria considerado tão absurdo quanto tatuagens ou *piercings* no corpo de uma docente.

Mas, quando perdi a autonomia de decidir o que usar em meu próprio corpo? E a boa aparência também era algo fundamental na minha vida! E em que manual está determinado sobre o que é ou não adequado? E porque não poderia considerar meus verdadeiros traços como belos? Por que deveria persistir na visão deturpada de inadequação?

*“Eleger o negro e a negra como belos é dar a eles o estatuto de humanidade que lhes foi roubado pelo racismo” (GOMES, 2019. p. 356)*

O racismo presente na escola deriva do racismo estrutural, mas constitui-se de elementos muito específicos, pontuais, frequentes e cotidianos como, por exemplo, a aceitação do corpo negro. Qual é o ponto em que o cabelo afro se torna inadequado ou inaceitável? Quem determinou esse limite ultrapassado e sob quais aspectos? *Angola* traz em seu relato esses aspectos sobre a forma como se enxerga e a partir disso sobre como se posiciona a respeito:

*“Então você vai vendo e é muito recorrente, até hoje é muito recorrente. Hoje, assim, acontece menos comigo por causa desse empoderamento. Você chega com seu jeito de vestir e falam assim “você é muito estilosa!” Eu chego chegando! Porque é aquele negócio: o nosso corpo é político! É onde a gente sofre menos, mas quando você vê as pessoas que ainda não se empoderaram. Nossa, assim, é terrível... o quanto elas são humilhadas... Hoje, assim, a medida que vou percebendo... vejo assim, se a pessoa está se excedendo, eu podo ali! Peço retratação. É onde eu vejo um pouco mais de respeito. Mas é porque eu estou ocupando meu espaço, não é porque o outro entendeu e está respeitando meu espaço. Eu é que estou me fazendo respeitar. Porque no nosso país tá longe do outro nos respeitar, entendeu?” Angola -entrevista 27/08/2021*

O corpo negro busca essa adequação no processo de inserção no coletivo e isso causa um impacto sobre a forma como se auto relaciona, envolvendo aspectos de depreciação, auto estima e aceitação, que percorre toda sua trajetória. A escola e sua importância como meio social e de construção desse indivíduo reflete a violência do racismo sobre suas características e marcas fenotípicas. Esse sentimento de inadequação social, a partir dos traços físicos, dificulta que se veja em local positivo de destaque, liderança, ascensão ou conquista, construindo a crença de que, ali, não cabem, de fato, esses corpos.

*“Esse processo conflitivo é construído socialmente, vivido e aprendido no grupo, na família. Por isso, mesmo quando se nasce em uma família que afirma e valoriza a cultura negra, esse aprendizado pode ser confrontado socialmente pela imagem do negro veiculada na mídia ou pela maneira como lideranças e artistas negros, quando em evidência, comportam-se diante da questão racial ou expressam a negritude através do seu corpo. Nesse caso, a expectativa construída em torno do comportamento desses sujeitos não se restringe ao fato de possuírem um corpo negro e aparecem com destaque na mídia. Importa a forma como que esse corpo é trabalhado, se ele expressa ou não o orgulho ao pertencimento étnico-racial, por meio da valorização dos sinais diacríticos.” (GOMES, 2019, p. 138)*

Fui ao salão, fiz o corte, pedi demissão e encarei um processo de auto aceitação. Como professora regente de Ciências em uma escola pública municipal da periferia de Belo Horizonte comecei a participar do grupo de estudos sobre questões étnico raciais, promovido pelas Regionais da Secretaria Municipal da Educação de Belo Horizonte. Desde então, passei a identificar vários traços da minha trajetória pessoal como estudante, como mulher, como negra e como professora, compreendendo que esse percurso não foi algo tão simples, pois teve marcas do racismo e discriminação, mas também de superação e formação de identidade negra. Hall (2006) analisa a formação identitária do indivíduo como um processo continuamente em construção, envolvendo sua trajetória.

*“Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2006, p. 38)*

### **“Quando se percebeu negra?”**

*Angola* retrata esse processo de construção identitária, através desse sentimento de pertencimento acompanhado de questionamentos sobre os processos de subalternidade a que somos submetidos.

*“... eu também estou como você... a minha história... sou uma mulher negra, hoje me reconheço como mulher negra, ninguém nasce negro, a gente se torna negro. E porque isso: porque a gente é educado em um ambiente branco, um ambiente que branqueia a gente. Os livros, os professores, a sociedade, é o tempo todo branqueando a gente. Então a partir do momento que a gente começa a estudar, ler, participar de grupos, que a gente começa a descobrir a história da gente, como você colocou muito bem, aí a gente começa*

*a se perceber enquanto negro. Aí a gente se torna negro.” Angola – entrevista em agosto de 2021*

Quênia relata também que seu percurso trouxe significações na sua vida profissional, buscando incentivar seus alunos.

*“Eu me uso como exemplo para que eles acreditem que podem sair de onde eles estão, e conseguirem atingir um patamar acima do que eles conseguem enxergar hoje... falo com eles: ‘eu também estudei em escola pública e também sou daqui’. E, durante o processo da faculdade, onde fui me enxergando como negra, vi o quanto ser negro no Brasil dificulta os estudos. Isso me incentivou a trabalhar em um cursinho comunitário. Hoje eu tenho orgulho de ver alguns estudantes meus concluindo (graduação). Quando a matéria me permite, eu puxo o assunto dentro da matéria. Por exemplo, essa questão de gênero, sobre a inserção das mulheres, especialmente mulheres negras na ciência, quando mostro algum assunto que foi tratado, descoberto por uma mulher, falo assim: ‘esse assunto aqui foi descoberto por Fulana de tal... essa mulher teve que passar por isso, isso e isso e conseguiu!’... Prof<sup>ª</sup> Rosy<sup>2</sup>, que é uma referência, como professora preta na faculdade: ‘... eu dou conta de chegar aqui...’ que também trabalhou enquanto estudava”. Quênia - entrevista em agosto de 2021*

A construção dessa identidade, que nos conscientiza sobre como nos enxergamos e atuamos, não é um processo fácil. Ele é, muitas vezes, acompanhado de dor, porque é percebendo o racismo sofrido que conseguimos entender onde pertencemos. Mas, também é acompanhado por um fortalecimento através da compreensão de direitos e uma nova leitura sobre postura e ideias.

*“Minha força veio ao entender qual é meu real lugar! Entendi ao longo de todo esse processo, inclusive com as leituras no mestrado. Essas pessoas não querem que a gente esteja no lugar que nos é também de direito. Agora que eu sei que é também meu lugar de direito e que eu consigo chegar nele... então, se eu cheguei, dá licença, que eu tô aqui! ... a escola deveria ser um espaço para todas as práticas estarem ali, presentes e respeitadas!” Quênia - entrevista em agosto de 2021*

Angola também compartilha desse fortalecimento através do conhecimento, desenvolvimento de capacidade crítica e sentimento de orgulho ao grupo que pertence.

*“Então assim, a gente vai aprendendo, se descobrindo negro, porque é aquele negócio: ninguém nasce negro... quando começa a estudar os autores negros, conhecer o outro lado da história, ver a história contada pelo outro lado... nossa é fantástico! Hoje eu falo: tenho o maior orgulho de ser mulher negra. Tenho essa noção hoje da gente estar lá na base da pirâmide, como é que fala? Interseccionalidade né? Gênero, classe, tudo...*

---

<sup>2</sup> Rosy Mary dos Santos Isaias é professora do departamento de botânica da UFMG, e em 2024, torna-se a primeira pesquisadora negra a atingir o nível mais alto de pesquisadora do CNPq  
<https://veja.abril.com.br/ciencia/conheca-a-primeira-pesquisadora-negra-a-atingir-o-nivel-mais-alto-do-cnpq>

*recebendo os menores salários. A pressão toda cai sobre nossas costas, mas tenho o maior orgulho, maior orgulho de quem eu sou! Então assim, eu me sinto forte, minha auto estima é elevada... é bacana né?” Angola – entrevista em agosto de 2021*

Por isso, pensar no ensino de ciências, sob uma perspectiva antirracista, é buscar a construção de valores como empatia, solidariedade, reconhecimento, valorização, humanismo e justiça, a partir de compreensão da própria ciência para além de conceitos e compreensão de fenômenos, mas sobre sua relação com o poder, contexto histórico, interesses econômicos e outras intencionalidades.

A ideia, então, seria buscar estratégias em que se encontrem, nas aulas de ciências e na dinâmica escolar, motivos de empoderamento, reflexão e apropriação dos alunos negros. Que se reconheçam com a mesma ancestralidade e identidade negra, auxiliando na construção da sua auto estima e minimizando possíveis impactos negativos, ao mesmo tempo, em que também potencialize impactos positivos sobre a história deles. Para ter mais clareza e objetividade nessas estratégias, é fundamental buscar compreender o funcionamento do racismo dentro da escola, compreendendo seu funcionamento no cotidiano escolar, caracterizado por eventos diversos e criando estratégias de enfrentamento.

*” Lutar contra a crise é uma decisão firme e radical de todos aqueles homens e mulheres que acreditam num mundo melhor. É dentro deste espírito que deve se colocar o professor responsável. É plenamente possível um professor exercer com muita competência e qualidade técnica as suas aulas sem fazer uma leitura crítica do mundo, mas a verdadeira responsabilidade do professor – para além de uma visão tecnicista da profissão – é com a vida humana. Não é possível comprometer-se com o direito à vida, à justiça e à verdadeira igualdade na diversidade, sem criticar o paradigma civilizatório atual. O professor responsável é aquele que também luta pela dignidade de sua vida e da vida do outro.” (DUARTE, 2014. p.9)*

### **“E então, que professora escolheu ser?”**

O compartilhamento de vivências dessas professoras nos possibilita compreender um direcionamento de suas práticas para uma atenção às questões étnico-raciais. A riqueza desses relatos trouxe uma potencialidade de reflexão que relaciona a trajetória do sujeito professora, a construção de sua identidade negra e a atuação pedagógica, através de eventos que trazem especificidades do racismo.

Em 2023, encontrei um ex aluno da educação básica, casualmente, no campus da Universidade Federal de Minas Gerais:

“ \_ Obrigado, professora! Hoje estou aqui!

\_ Meu Deus, pelo quê? Se fiz algo, foi meu trabalho!

\_ Não, você estava lá... (fala reforçada pelo dedo apontando ao longe)... e me contou que seria possível estar aqui hoje! E foi!”

Entendi “estar lá” como “*escrever*” e o conceito *escrevivências* de Conceição Evaristo sobre “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (OLIVEIRA, 2009. p. 622), como método de investigação e produção de conhecimento, aponta sobre o posicionamento e identificação étnica de quem fala. E, assim, percebemos as vivências pessoais de professores e professoras, como fator de influência sobre sua prática e a preocupação de ser direcionada para que o aluno se reconheça, identifique-se e fortaleça sua auto confiança e auto estima. Sempre impulsionados a traçar sua trajetória de acordo com o que almejam, sem serem diminuídos ou desestimulados por possíveis consequências do racismo ou por efeito da falta de acesso às oportunidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os efeitos do racismo na construção da identidade racial de professoras de ciências, autodeclaradas negras, influenciam diretamente suas práticas e recursos pedagógicos, a medida em que elas, quando se reconhecem, questionam o modelo educacional imposto, construindo a partir dessa identidade uma prática pedagógica pautada em como elas se enxergam e atuam.

Os três metatextos trazem aspectos essenciais quando se pensa na trajetória de vida de mulheres que trilham o caminho da formação em ciências como docentes. Isso implica em pensar o papel dos professores de ciências da educação básica na formação de seus alunos, mediando ações afirmativas visando o empoderamento do povo negro. Desta forma, o ensino de ciências deve acontecer para além de conteúdos, considerando as diferentes vivências dos estudantes. É de fundamental importância termos mulheres negras professoras de ciência que tenham práticas comprometidas com o antirracismo e que sejam exemplo real de que esse caminho é possível de ser trilhado por seus estudantes, trazendo a possibilidade de estudantes negros e negras se projetarem na

ciência, acreditando nas suas potencialidades, de acordo com Pinheiro & Rosa (2018, p. 166).

Buscamos, então, trazer para o ensino de ciências esse caráter humanista, buscando princípios de equidade e trazendo a ideia de pluralidade de sujeitos, suas vivências e reflexões dentro do contexto social e histórico em que estão inseridos.

É preciso redimensionar essa história, de cabeça erguida. E, por meio dela, descobrir, encantar, aprender, ensinar e construir conhecimento científico e reconhecimento como pessoa.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, M. A. **SER PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: qual a responsabilidade?** Revista Científica on-line - Tecnologia, Gestão e Humanismo, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 3-10, maio/2012. Disponível em:

<http://www.fatecguaratingueta.edu.br/revista/index.php/RCO-TGH/article/view/3/12>

Acesso: 29/07/2024.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: [s. n.], 2003.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MOREIRA-PRIMO, U. S.; FRANÇA, D. X. **Identidade racial e percepção do valor social dos grupos pelas crianças: uma análise em termos de desenvolvimento**. Universidade Federal de Santa Catarina. Zero a-Seis, v. 25, n. 47, p. 271-299 Florianópolis, 2023.

OLIVEIRA, L. H. S. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. Rev. Estud. Fem. Florianópolis , v. 17, n. 2, p. 621-623, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

[026X2009000200019&lng=en&nrm=iso](https://doi.org/10.26X2009000200019&lng=en&nrm=iso) Acesso: 20/01/ 2021.

PINHEIRO, B. C. S.; ROSA, K. **Descolonizando saberes: a lei 10639/2003 no ensino de ciências**. São Paulo. Editora Livraria da Física. 2018.

RIOS, R. R. **Pretos e pardos nas ações afirmativas: desafios e respostas da autodeclaração e da heteroidentificação**. Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos, v. 1, p. 215-249, 2018.